



SILVA, Paulo Geovane e. Recensão crítica da obra *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do divino amor (primeira parte)*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: *Revista Épicas*. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-6. ISSN 2527-080-X.

RECENSÃO CRÍTICA DA OBRA *MEMORIAL DA INFÂNCIA DE CRISTO E TRIUNFO DO DIVINO AMOR (PRIMEIRA PARTE)*, DE SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

Paulo Geovane e Silva¹
FACISA-BH/Universidade de Coimbra

SILVA, Fabio Mario. ***Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor (primeira parte)*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel**. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2016.

Resgatar uma obra esquecida e praticamente pouco referida por estudiosos e críticos é a tarefa que Fabio Mario da Silva assume para si ao organizar, numa edição desenvolvida pela Editora Todas as Musas, em 2016, com estudos introdutórios, fixação de textos e notas, a obra *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor (primeira parte)*², de Soror Maria de Mesquita Pimentel, cuja primeira publicação ocorre em Évora no ano de 1639.

O cuidado na apresentação da obra começa pela escolha da capa, que reproduz a imagem da Família Sagrada do Oratório das Casas Pintadas em Évora, do século XVII, seguindo

¹ Mestre em Literatura Brasileira e Comparada (2012) pela Universidade de Coimbra e doutorando em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela mesma universidade. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte (FACISA-BH). E-mail: paulogeovanasilva@gmail.com.

² O mesmo estudioso está reeditando a trilogia completa. Além do *Memorial da Infância*, também já foi publicado *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor (segunda parte)* e está no prelo o *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor (terceira parte)*.

o mesmo modelo da obra publicada em vida pela autora, o qual também reproduz uma imagem da Família Sagrada:



Capas³ de 1639 e 2016, respectivamente.

Essa obra seria a primeira epopeia escrita e publicada por uma mulher em língua portuguesa, fator importante para a história da autora feminina na literatura portuguesa, cuja narrativa, apesar de trazer à cena apenas os escritores, é revisada por estudos e obras tais como a que acaba de ser produzida por Fabio Mario da Silva, chamando a atenção do leitor para a importância do papel da mulher na historiografia da literatura portuguesa. Muitos são os estudos que resgatam obras de autoria feminina as quais, até então, estavam marginalizadas e silenciadas pela hegemonia do machismo acadêmico e editorial. Contudo, investigações empreendidas por pesquisadores como Fabio Mario tiram da indigência as vozes daquelas que, assinando no feminino, produziram literatura a partir de outros lugares de enunciação.

Aliás, tanto Abel Pena quanto Adma Muhana reafirmam a importância da obra e da edição de Fabio Silva, uma vez que o primeiro, assinando a nota da contracapa, refere que “Fabio Mario traz a lume uma nova edição, revelando rigor e maturidade enquanto estudioso e investigador que aposta em temáticas atraentes e inovadoras” (Pena, 2016, s.p); o segundo, por sua vez, no prefácio, adita que esta obra é pouco conhecida, “mas que evidencia conhecimento pleno da poética e da retórica contemporâneas, e que realiza um poema de grande delicadeza acerca da infância de Cristo” (Muhana, 2016, p.7). Ambos os estudiosos confirmam o significado paradigmático da obra de Fabio Mario, tanto por se tratar de um importante resgate literário

³ Fonte: Imagem da Família Sagrada, séc. XVII. Oratório das Casas Pintadas, em Évora. © Jerónimo Heitor Coelho. Fundação Eugénio de Almeida (cf. referido na própria obra de Fabio Mario da Silva).

quanto pelo fato de, por meio desse trabalho, ser possível repensar a literatura portuguesa em seu sentido épico e, é claro, social.

É importante observar que os estudos introdutórios estão divididos em “Dados biográficos”, “Contexto histórico e o espaço do mosteiro”, “Formação cultural e influências literárias e eclesiásticas” e “Memorial da Infância: uma épica no feminino”, relevando desde já o rigor e a inovação na pesquisa sobre essa monja e sua obra. Isto tudo porque há poucos dados sobre a vida e a produção literária de Soror Pimentel, razão pela qual Fabio M. Silva faz conjecturas importantes a respeito dessa obra, as quais vão conduzindo o leitor por uma leitura sincrônica e diacrônica, situacional e transistórica. Por exemplo, sobre os dados biográficos, ele se apoia em estudiosos especialistas no assunto, como Barbosa Machado e Antónia Fialho Conde; sobre a formação erudita de Soror Pimentel, o estudioso alude que, com a mudança temporária da corte de D. João III, em 1532, para Évora, a capital do Alentejo sofre mudança significativas de qualidade de vida e de recursos, o que ajudaria, efetivamente, o acesso de muitos cidadãos à formação erudita nessa região de Portugal, que contava significativamente com o papel intelectual exercido pela Igreja Católica à época. Encontrando-se no centro da vida espiritual do catolicismo, Soror Pimentel acabou por construir um vasto capital de erudição, passando pela aprendizagem de vários idiomas e leitura de textos clássicos em língua portuguesa e não só.

Em relação à formação cultural da autora, Silva também faz importantes conjecturas citando os manuais e obras de referências que possivelmente instruíram Soror Pimentel para que ela pudesse fundamentar toda a referenciarão mitológica presente em suas epopeias, apontando obras que provavelmente foram bases das leituras da autora: *Genealogia dos Deuses* de Bocácio, *De Deis Gentium Varia et Multiplex Historia in qua Simul de Aorum Imaginibus et Cognominibus Agitur* (1548), de Lilio Gregorio Giraldi, *Mythologiae sive explications Fabularum Libre Decem* (1551), de Natale Conti, *Elucidario Poetico* (1498), de Hermanus Torrentino, *Mythologiarum libri tres* (1536), de Fabius Planciades Fulgentius, André de Resende, com *Vincentius, levita et martyr* (1545), e Jerónimo Cardoso, com *Dictionarium Latino Lusitanicum* (1570), obras escritas em latim – língua que Pimentel dominava – e que possivelmente circulavam em Portugal no século XVII. Além de listar esses títulos, apontando então para uma forte relação comparatista de fonte e influência na escrita de Soror Pimentel, o autor, que é professor de literatura portuguesa na graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará, salienta também as possíveis influências camonianas da obra, flagrantemente em alguns excertos, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo.

Um dos poucos estudiosos que referem sobre a formação de Soror Pimentel, Froes Perym, releva que ela teria sido uma poetisa muito celebrada no seu século e que ela teria sido

instruída nas línguas latina, grega, siríaca e árabe. Ora, realmente Fabio Mario comprova essa informação ao afirmar que Soror Pimentel aparenta mesmo ter lido alguns textos diretamente do grego,

por exemplo, no segundo tomo desta trilogia, o *Memorial dos Milagres de Cristo*, no Canto XI, lê-se: ‘Cale a Dido a rara fermuzura/ que dava com seu sol luzes ao dia/ Tenha de Saphoya fim a ducura/ De sua deleitosa poesia’. Ora, o lexema ‘Saphoya’ não tem equivalente na língua portuguesa moderna, mas o *Dictionnaire Grec Français* apresenta o adjetivo como significando “de Safo, sáfico”, *sapphoios*, Σαπφῶος. (cf. BAILLY, 1974, p. 1733). Pensamos que é este adjetivo que a autora usa, transcrevendo-o diretamente do grego (SILVA, 2016, p.25).

Outro fator importante é o posicionamento crítico de Fabio Silva, uma vez que o autor demonstra com grande rigor científico – e disso não abre mão – o fato de ser essa obra uma épica tipicamente “feminina”, visto que é uma narradora que dá especial destaque às mulheres, de que é exemplo paradigmático a presença da Virgem Maria como a heroína dessa primeira parte do Memorial. Assim, o estudioso alude à importância do culto mariano em Portugal: se, nos textos épicos, o herói se caracteriza através de ações engrandecedoras/nobres e através da sua beleza e vigor físico, reforçando a sua masculinidade, as heroínas épicas, considerados os devidos traços de individuação e diferentemente dos homens, caracterizam-se como personagens alegóricas, porém a figura da Virgem Maria, em *Memorial da Infância*, surge como a chave para o desenvolvimento dos três tomos da trilogia de Pimentel, “visto ser apresentada como motivo, meio e fim para as ações do salvador da humanidade, Jesus Cristo, que recebe enquanto ambrósia sagrada o seu leite que o torna divino:

Adormeceu-se brando e amoroso/ Mamando o doce leite deificado,/ A Virgem suspendeu o largo pranto,/ E eu neste repouso deixo o Canto’ (Canto V, est.). Maria ascende assim a uma categoria elevada, na concepção de uma *Turris Eburnea*, na suma assunção moral e purificadora, visto que ela se torna, mesmo sendo mulher, no alto grau de um deus superior (SILVA, p.85).

Além de tudo, nessa edição encontramos notas explicativas que indicam outros estudos importantes, acaso o leitor queira se aprofundar num determinado assunto e esclarecer questões importantes sobre os vocábulos e a linguagem utilizada por Pimentel, como, por exemplo, na passagem em que a autora escreve “E que árvores tão belos, e fermosos!” e que Fabio Silva explica seguidamente: “A palavra ‘árvore’ usou-se, como refere José Pedro Machado, no *Dicionário Etimológico*, também como substantivo masculino no séc. XVI. Em castelhano e em francês a palavra (árbol, arbre) é masculina. “. (Silva, 2016, p.358).

Por fim, um dos trabalhos mais importantes para o regaste dessa obra, quase 400 anos depois, diz respeito aos critérios de fixação do texto. Fabio Mario tem a preocupação de, por meio de seu pensamento, subsidiar uma leitura minuciosa sobre o estudos e uso da língua portuguesa do século XVII para tentar estabelecer alguns pontos importantes sobre os critérios de estabelecimento de texto, tendo sempre em atenção a necessidade de manter a sonoridade do texto épico, visto que a própria autora subverte a “lógica gramatical” por razões de ordem rítmica e sonora, através de uma liberdade lexical que mescla marcas da oralidade, principalmente do “falar alentejano”, e certos arcaísmos, com vocábulos mais complexos e eruditos, dominados na época apenas por letrados de formação clássica, o que mais uma vez aponta tanto para a inquestionável erudição da escritora quanto para a seriedade científica desse trabalho empreendido pelo professor Fabio Mario.

Esta edição, assim, e devido ao rigor científico presente no trabalho de Fabio Mario, ainda corrige lapsos de ordem vária, o que é feito, por exemplo, através das indicações de uma errata publicada na obra impressa de 1639, emendas essas possivelmente levadas a cabo pela autora, cuja seriedade autoral também é indelével. Estabelece critérios que – para além de aproximar a língua portuguesa do século XVII e o leitor moderno – levam a tomar decisões editoriais importantes e coesas, como, por exemplo: I) manteve, no caso das parênteses <propia/propria> e <impropia/impropria>, as duas formas, por causa do jogo rimático que a autora procura utilizar; o mesmo caso acontece com <perla> e <perolas>, que têm praticamente o mesmo número de incidência e são duas formas que ainda hoje são registradas nos dicionários; II) Manteve-se as formas <co>, <cos>, <cu>, estendendo apenas as formas acentuadas, como, por exemplo, <cõ>, que passou a ser grafado <com> e III) no caso de seguir a lição de António José Saraiva (2014, p.48), no seu estudo introdutório à edição de *Os Lusíadas*, o estudioso refere que Camões prefere o uso da terminação *-ea* a *-eia* e de *-eio a -eo*, o que fez com que Fabio Mario adotasse o mesmo critério para a ortografia moderna neste caso, visto que Soror Pimentel tem a obra camoniana como modelo.

Em suma, devido a todos esses cuidados editoriais (e devido também a muitas outras características que aqui não cabem), os quais passam pela sensibilidade e rigor com que o autor se dedicou durante os três anos do seu pós-doutorado na USP, Fabio Mario da Silva dá a conhecer um dos grandes vultos da literatura e que foi esquecida pela história, motivo pelo qual terminamos nossa revisão com as próprias palavras de Soror Pimentel, escritora que, através da destreza do seu canto lírico, evoca o Olimpo e os Anjos e Santos para inspirarem a sua epopeia, a qual fica, hoje, como um legado para todos os leitores e leitoras:

Este é quem no Parnaso sacro monte
De Cister, há de ter tanta vitória,
Que da sabedoria abrindo a fonte,
Alcance dela em cifra toda a glória:
E este como pai de Faetontes,
Em estendendo os raios, sua história
De polo a polo a fama irá cantando,
Seu nome aos fins da terra dilatando
(PIMENTEL, Canto IX, estrofe 78, 2016, p.318).